



O DESAFIO DO ENFERMEIRO EM FRENTE AO CONTROLE DE INFECÇÕES HOSPITALARES

THE CHALLENGE OF THE NURSE IN FRONT OF HOSPITAL INFECTIONS CONTROL

Anna Karolyne Santos COSTA
Faculdade Guarai (IESC -FAG)
E-mail: santosanna5936@gmail.com
<https://orcid.org/0009-0000-4559-9000>

Juliane Marcelino dos Santos SANTANA
Faculdade Guarai (IESC -FAG)
E-mail: julmas324@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-2059-1069>

31

RESUMO

Introdução: A Infecção Hospitalar (IH) é adquirida após a entrada na unidade hospitalar, podendo ser manifestada durante a internação ou posteriormente a alta. O enfermeiro é o responsável pela segurança e assistência do paciente quando este se encontra internado. Inclusive, ele é o responsável pelo setor de IH. Desta forma a temática estudada tem como finalidade discorrer sobre o desafio do enfermeiro em frente essa demanda. **Objetivo:** Compreender o desafio do enfermeiro em frente ao controle de infecção hospitalar. **Metodologia:** A pesquisa é uma revisão de literatura com busca no Google Acadêmico, com datas de 2014 a 2023. **Resultados e discussão:** Os artigos contemplados mostraram a importância da higienização correta das mãos, uso adequado de equipamentos de proteção individual, e a importância do manejo dos procedimentos invasivos. **Considerações Finais:** Diante dos fatos discorridos, constatou-se que os enfermeiros devem ter conhecimento sobre os meios para inibir a propagação das IH, com ações e diretrizes contínuas, que possam contribuir satisfatoriamente para o cuidado com o paciente. É fundamental haver ações educativas dentro do espaço de saúde, isto dará mais respaldo ao trabalho em equipe.

Palavras-chave: Enfermeiro. Equipamentos de Proteção Individual. Infecção Hospitalar. Higienização das Mãos.

ABSTRACT

Introduction: Nosocomial Infection (HI) is acquired after entering the hospital unit, and can be manifested during hospitalization or after discharge. The nurse is responsible for the safety and assistance of the patient when he is hospitalized. He is also responsible for the HI sector. In this way, the theme studied aims to discuss the challenge of the nurse in front of this demand. **Objective:** To understand the nurse's challenge in terms of hospital infection control. **Methodology:** The research is a literature review with a search on Google Scholar, with dates from 2014 to 2023. **Results and discussion:** The articles covered showed the importance of correct hand hygiene, proper use of personal protective equipment, and the importance of managing invasive procedures. **Final Considerations:** In view of the facts discussed, it was found that nurses must have knowledge about the means to inhibit the spread of HI, with continuous actions and guidelines, which can contribute satisfactorily to patient care. It is fundamental to have educational actions within the health space, this will give more support to teamwork.

Keywords: Nurse. Personal Protective Equipment. Hospital Infection. Hand Hygiene.

INTRODUÇÃO

A saúde nos últimos tempos alcançou grandes avanços científicos e tecnológicos, no entanto permeia no ambiente hospitalar a preocupação com a IH, sendo ela uma ameaça à segurança dos pacientes hospitalizados. O controle da IH, se refere aos parâmetros da qualidade de o cuidar do outro obedecendo as regras básicas dos cuidados e monitoramento dos materiais usados para com o paciente. Nesta conjectura é preciso que seja avaliada a organização hospitalar, a assistência e clientela, bem como, os aspectos relacionados à infraestrutura.

Um ambiente hospitalar está propício a muitas formas de infecção, pois diariamente transitam nos corredores, diferentes indivíduos e cada um com a sua particularidade. A IH, é uma das grandes problemáticas enfrentadas pela equipe de saúde e pelos pacientes, devido aos procedimentos cotidianamente realizados no ambiente hospitalar (FONSECA, PARCIANELLO, 2014).

Ademais, é preciso considerar que a IH, não é qualquer doença infecciosa, porém é decorrente da evolução das práticas cotidianas dentro do ambiente hospitalar. Desse modo, não podemos nomear que a IH, seja um fenômeno meramente biológico e universal e, sim histórico e social. O controle e a prevenção é parte precursora da enfermagem, desde a época de Florence Nightingale, fundadora da enfermagem moderna. Um dos princípios de Florence era prestar assistência aos pacientes, utilizando princípios filosóficos como a valorização do meio ambiente, suas condições de higiene, iluminação, temperatura, odor e ruídos (CAMARGO, et al, 2015).

Na portaria nº 2.616 de 12.05.1998, encontra assinalado que as IH, se conceituam naquelas que são atribuídas após a admissão do paciente no ambiente hospitalar, podendo manifestar-se durante a internação ou após a alta do assistido. Os principais fatores que podem contribuir para a (IH), podem estar relacionados com a idade do paciente, doenças crônicas como diabetes e neoplasias; procedimentos incorretos; erros na antissepsia da pele e na esterilização correta dos materiais e das mãos. Outro fator que colabora com a (IH), é a circulação de várias pessoas nos corredores hospitalares (NERE, et al 2017).

As IH, tornam-se uma problemática para os enfermos, uma vez que eles estão aptos ao avanço de novas doenças (Cabral, 2021, apud Salomão; Pignatari). A IH, afeta, em média 5 a 17% dos internados, sendo responsável por um aumento equivalente de 15 dias de internação, acarretando de certa forma uma elevação nos custos assistenciais. Dependendo das condições do ambiente, este tempo pode sofrer mudanças, os gastos podem dobrar, como também o número de óbitos (SANTANA, et al, 2015).

Sendo a infecção uma entidade clínica onde existe múltiplos fatores de sua ocorrência, é preciso que se determine aplicação de medidas preventivas, educacionais e de controle epidemiológico. Portanto, faz-se necessário um processo de sensibilização coletiva, tendo como finalidade de levar as taxas de infecções para limites aceitáveis, para cada tipo de clientela e os procedimentos realizados em cada unidade hospitalar (NERE, et al 2017).

A supervisão das contaminações microbianas, sempre foram um desafio sanitário. A falta de atenção, pode contribuir em sérias consequências, como também aumento e alta taxa de mortalidade (PINTO; SOUZA; OLIVEIRA, 2021).

Sabemos que as contaminações causadas se tornam um empecilho para os pacientes. Dessa forma, é preciso reforçar os procedimentos para a prevenção das infecções. Nesta perspectiva, a equipe de enfermagem tem embasamento para organizar a sua assistência de forma condizente para o enfrentamento dessas causas (BATISTA et al, 2017).

Os enfermeiros estão aptos a desempenhar um papel importante na prevenção e controle das infecções, pois diariamente estão em contato direto com o assistido, e em contato com os procedimentos invasivos e potencialmente contaminados, além da manipulação de equipamentos, instrumentos e medicações do paciente. Diante desses fatores, faz-se necessário que o enfermeiro, esteja frequentemente atualizado para prestar uma assistência ao usuário educativa e curativa, juntamente com a equipe de saúde, mantendo sempre o foco no conhecimento científico, postura ética e crítica na assistência ao paciente (DUTRA, et al., 2015).

Diante destes fatores, o presente estudo tem como objetivo geral compreender a visão dos profissionais acerca da infecção hospitalar.

METODOLOGIA

Para a concretização do trabalho foi adotado a pesquisa bibliográfica, para o aporte das informações. A coleta de informações foi realizada em artigos disponibilizados nas plataformas digitais revistas eletrônicas, e artigos, nacionais e internacionais na língua Portuguesa e Inglesa, google acadêmico.

Para Prestes (2008, p. 26), “a pesquisa bibliográfica busca adquirir conhecimentos a partir de informações provenientes de materiais gráficos ou de outras fontes”. Ela parte do problema relatado a partir das referências teóricas científicas publicadas em documentos. Nesse método de pesquisa busca-se estudar e analisar teorias científicas de um determinado assunto, tornando-se instrumento essencial para estudos.

REVISÃO DE LITERATURA

A IH, sempre foi um dos grandes entraves enfrentados na área da saúde. Sua ocorrência advém de diversos procedimentos invasivos, avanços tecnológicos além de tudo após o surgimento de micro-organismos multirresistentes aos antimicrobianos,

que são habituais nos hospitais, e tornando-se uma grande barreira no ambiente hospitalar (FONSECA, PARCIANELLO 2014).

Geralmente o paciente quando chega a uma unidade de saúde, ele pode apresentar desconforto e ansiedade, por causa do momento em que está passando, seja por uma simples internação até uma cirurgia de grande porte. E o que ele espera durante seu convívio no ambiente, é uma internação segura e que nada anormal poderá lhe acontecer. Porém, muitos fatores e acontecimentos, ficam à mercê, de micro-organismos e bactérias que podem afetar o paciente durante sua estada no hospital.

A infecção contraída após a entrada do paciente no hospital, é considerada infecção hospitalar. Em alguns casos, quando o paciente passa por uma cirurgia, a infecção pode desenvolver-se após a alta. Isto pode ocorrer muitas vezes pela grande transição de pessoas na localidade, ou pela falta de atenção, ao manusear os instrumentos e o descarte deste corretamente, além do uso das Equipamentos de Proteção Individual (EPIs), obrigatórios.

Santana et al (2015), ressalva que a problemática das Infecções Relacionadas à Assistência à Saúde - IRAS, na saúde, não é recente, porém na atualidade ela atinge proporções de questões de saúde pública mundial, ameaçando a segurança do paciente, podendo evoluir para óbito, e atinge principalmente os gastos e escassez de leitos pelo prolongamento de internação.

As infecções pertinentes à assistência à saúde acontecem, em média de 5 a 17% nos pacientes internados, sendo responsável por um aumento médio de 15 dias de internação, elevando custos assistenciais consideráveis. Em países em desenvolvimento, as taxas são maiores, principalmente nos hospitais terciários.

Nere, et al, (2017) relata que a infecção é uma entidade clínica sendo composta de muitos fatores. A necessidade de reduzir e controlar a sua prevalência advém de medidas preventivas, educacionais e controle epidemiológico, com a intensidade de levar a taxas de sua contaminação para níveis aceitáveis para cada tipo de clientela e dos procedimentos que são realizados cotidianamente no hospital.

Ademais, elas podem ser evitáveis, porém existem outras que não. As imprevisíveis são aquelas que podem interferir na cadeia de transmissão dos microrganismos. Essa cadeia pode ser evitável a partir de medidas eficazes, como a lavagem das mãos, a utilização correta dos artigos e superfícies, utilização de proteção individual, e quando ocorrer risco laboral, a observação adequada das medidas de

assepsia. As não preveníveis ocorrem devido ao não comprometimento de todas as precauções adotadas, principalmente no atendimento de pacientes imunologicamente comprometidos, sendo originadas de sua microbiota (REIS, 2014).

No Brasil a prevenção das IRAS, passou a ser reconhecida a partir da década 80, impondo a todo o hospital a obrigatoriedade de constituir uma Comissão de Controle de Infecção Hospitalar CCIH. Em seguida no ano de 1997, foi promulgada a lei que dispõe sobre a obrigatoriedade dos hospitais o Programa de Controle de Infecção Hospitalar – PCIH (SANTANA et al, 2015).

As IRAS, vem sendo uma problemática desde muitas décadas. A sua implementação foi de fundamental importância para que fosse dada uma maior amplitude nos cuidados dentro do hospital, e a instituição de uma C.C.I, foi essencial, para o controle das infecções.

A enfermagem tem grande contribuição no cuidado com o paciente, principalmente no uso de técnicas assépticas. Florence Nightingale foi uma das precursoras, que cravou a necessidade de ter um ambiente totalmente limpo e livre de impurezas, no trato com o paciente. Para ela, as infecções eram advindas especialmente pelo contato com substâncias orgânicas (SANTANA, et a 2015).

Fatores que interferem nas ações do Enfermeiro no controle de infecção hospitalar

Uma das precauções que se deve ter, ao atender o paciente, é o controle da lavagem das mãos. Ela deve ocorrer sempre que o profissional estiver em contato com o enfermo, sua aplicação se dá antes da utilização das luvas, entre o atendimento de um paciente a outro, ou entre um procedimento e outro. Os cuidados devem ser seguidos sempre que houver riscos de levar patógenos para o paciente ou ambiente, posteriormente ao contato com sangue, fluídos corporais, excreções, secreções ou em artigos contaminados por líquidos (DANTAS, et al, 2010).

Os enfermeiros têm papel primordial dentro da CCIH, pois são estes profissionais que buscam de forma ativa e participativa as informações sobre infecções dentro da unidade de saúde. Podendo ser desenvolvida a educação continuada de toda a equipe, levando informações condizentes sobre os métodos que devem ser adotados, e aprimorando as técnicas de controle de infecções (SANTANA, et a, 2015).

As IH, são classificadas em conformidade com os microrganismos e a forma que são inseridas no corpo: endógena – infecção que é provocada por meio de disseminação de microrganismo advinda do próprio indivíduo. Geralmente acomete pessoas com o sistema imunológico mais comprometido; exógena – ela é causada por interferência de um agente infeccioso, e não integra a microbiota do indivíduo. Ela é adquirida por meio das mãos dos profissionais de saúde, ou alimentos e medicamentos contaminados, e os demais procedimentos; cruzada, acomete quando há muitos pacientes na mesma sala de UTI, pois um número maior de doentes na mesma sala favorece a transmissão de agentes infecciosos; a inter-hospitalar – relaciona-se aquelas que são levadas de uma unidade de saúde a outra, como por exemplo: o paciente adquire a infecção no hospital ao qual estava internado e obteve alta, porém foi internado em seguida em outro (VDB SAÚDE, 2023).

Muitas das vezes a escassez de funcionários está relacionada entre as principais causas de IH. Em muitos hospitais um único enfermeiro fica responsável para cuidar de diversos leitos, e isto interfere diretamente na ação do enfermeiro no controle da IH. Outro fator relevante, diz respeito a estrutura física do hospital. Muitos pormenores devem ser avaliados, entre eles, o sistema de ventilação e de água. Além de tudo, é preciso haver pias dentro dos quartos, para a lavagem das mãos, além de papel toalha, álcool em gel 70%, os leitos devem ter uma distância mínima, evitar também sobrelotar os ambientes com um grande grupo de acamados (VDB SAÚDE, 2023).

A atuação do Enfermeiro no controle de Infecção Hospitalar

Em sua atuação os enfermeiros prestam assistência aos pacientes em tempo integral, acompanhando a sua evolução nas unidades de saúde, para tanto, eles devem ter conhecimentos sobre os microrganismos, que são os responsáveis pela IH, e os meios de inibir a sua propagação. Para (Borges et al, 2012), A IH, é um problema de saúde pública, e segundo a literatura, 3% a 15% dos pacientes hospitalizados desenvolvem infecção. Desta forma, os enfermeiros devem atualizar o conhecimento, para saber de fato quando interferir em situações de surtos, uso de equipamentos individual adequado, técnica de higienização das mãos, entre outros cuidados, para sanar as taxas de morbidade e mortalidade, e aumento de custos de hospitalização.

Dutra et al (2015), enfatiza que é primordial que o enfermeiro se torne membro da equipe de Comissão de Controle de Infecção Hospitalar – CCIH, para atuar

consecutivamente na assistência direta com o enfermo. Uma das atribuições é a realização de procedimentos invasivos eventualmente contaminados, que é visto como responsável pela profilaxia das infecções nosocomiais e o uso correto de EPI'S. Cardoso et al (2022), argumenta que as ações sistematizadas do enfermeiro contribuem para o controle da IH.

O Desafio do Enfermeiro frente ao controle da infecção hospitalar

No dia 15 de maio, celebra-se o Dia Nacional do Controle das Infecções Hospitalares, data que foi instituída pela Lei nº 11.723/2.008, com o objetivo de conscientizar autoridades sanitárias, diretores de hospitais, trabalhadores da área de saúde, e a população em geral. A data foi para homenagear a luta do obstetra Ignaz Semmelweis, que defendeu a prática da higienização das mãos com hipoclorito de cálcio, para médicos e estudantes, em maio de 1847, no Hospital Geral de Viena. O obstetra, percebeu que nas enfermarias do referido hospital, onde os partos eram realizados por médicos e estudantes, tinham o triplo de mortalidade nas enfermarias da obstetrícia, onde os partos geralmente eram feitos pelas parteiras.

Diante dessa constatação o médico acompanhou detalhadamente o impacto da falta de cuidados. A partir das observações realizadas, houve significativa redução na taxa de mortalidade das puérperas que desenvolviam infecção grave. O obstetra analisou a mortalidade das puérperas por causa da falta de higienização correta das mãos, que eram contaminadas por “partículas cadavéricas”, na sala onde eles estudavam peças anatômicas, antes de irem para a sala cirúrgicas (FRAM, MEDEIROS, 2021).

Com o elevado número de mortes nos hospitais públicos no Brasil, o Ministério da Saúde realizou interferência e criou medidas específicas para o controle das infecções. Desta forma, a CCIH, foi criada com o objetivo de não apenas prevenir e combater à infecção e a comunidade assistida, mas também o hospital e o seu corpo clínico (DUTRA et al, 2015).

A Portaria nº 2616, de 12 de maio de 1998 traz em seu bojo, as seguintes nomenclaturas, a obrigatoriedade da manutenção dos hospitais do país: Programas de Controle de Infecções Hospitalares. Faz parte do trabalho da CCIH elaborar, programar, manter e avaliar Programa de Controle de Infecções. Inclui ainda a elaboração de vigilância epidemiológica de infecções nosocomiais, além de educação e treinamento

de equipes, e o uso criterioso de antibióticos e antimicrobianos e apoio médico como também hospitalar (DUTRA et a, 2015).

Desta forma, a presença do enfermeiro na equipe de CCIH, é pontual, pois ele é o profissional que atua continuamente na assistência direta com o assistido, e realiza diariamente os procedimentos invasivos com esses indivíduos. Batista et al (2012), ressalta que o enfermeiro, é reconhecido como membro importante, a partir da Lei do exercício profissional de nº 7.498, de 25 de julho de 1986. Sua presença no controle da infecção hospitalar, é primordial, pois ele, possui maior aproximação com as outras categorias, além de habilidades educativa, com respaldo do Conselho Federal de Enfermagem (COFEN, 2004).

Sendo um dos princípios fundamentais, de acordo com o COFEN em seu artigo 3º “o profissional de Enfermagem respeita a vida, a dignidade e os direitos da pessoa humana, em todo o seu ciclo vital, sem discriminação de qualquer natureza”; o COFEN ainda destaca a responsabilidade do enfermeiro no artigo 16 “Assegurar ao cliente uma assistência de Enfermagem livre de danos decorrentes de imperícia, negligência ou imprudência”.

As contribuições do enfermeiro para o controle de infecções, está atrelada a utilização de técnicas assépticas de Lister, onde o profissional é o responsável pelos cuidados com o instrumental, utilizado no centro cirúrgico (TURRINI et a, 2012). Ele é o responsável na elaboração do levantamento de dados sobre o paciente; após a coleta, estabelece o diagnóstico, implementa os planos de cuidados e os resultados alcançados pelo paciente no ambiente cirúrgico (LASAPONARI; BRONZATTI, 2013).

Florence Nithingale, há muito tempo, já se preocupava com a IH, desde os corredores aos centros cirúrgicos. Durante a Guerra da Criméia, ela patronizou procedimentos de cuidados de enfermagem que eram voltados à higiene e a limpeza dos hospitais, como foi discorrido nos parágrafos anteriores desta pesquisa, a técnica de antissepsia, tem como finalidade diminuir os riscos das infecções. Os enfermeiros são profissionais que estão mais envolvidos com os cuidados ao paciente, seja direta ou indiretamente, a inspeção relacionada à assistência em relação a higiene das mãos é de grande valia na sua atuação com os pacientes de um hospital (GIAROLA, et al, 2012).

Santos et al, (2014), salienta que a Lei 7.498 do Exercício Profissional de Enfermagem, em seu parágrafo único, inciso I, art. II, responsabiliza o enfermeiro pela prevenção e controle das Infecções Relacionadas à Assistência à Saúde – IRAS.

Ademais o profissional, elabora planos de atividades, escala de plantões, visitas de pacientes entre outros. Ele enxerga o paciente como um todo, preocupa-se com a saúde mental, corporal e espiritual do paciente. Sendo ele, uma das peças importantes na área da saúde, possuindo capacidades de resolver diversos problemas existentes dentro da instituição de saúde (FREITAS, 2011).

Segundo o código de ética, o profissional está comprometido com a saúde da família e coletividade, com a intencionalidade de prever, promover, recuperar e reabilitar o paciente, assegurando a ele quaisquer tipos de imperícia, negligência ou imprudência. É atributo do profissional avaliar a competência científica, técnica, e ética de sua equipe. Possuem atuação direta com a CCIH, e exerce suas atividades em conjunto os demais profissionais da unidade. Neste pressuposto, o trabalho desenvolvido em equipes, é efetiva para o controle das infecções.

RESULTADO E DISCUSSÃO

Para elaboração desta pesquisa foram verificados artigos, compreendendo os anos de 2004 a 2023, devido a estes serem os que abordaram satisfatoriamente o tema em estudo. Os principais autores serão apresentados na tabela a seguir.

Tabela 1: Descrição dos artigos selecionados de acordo com autores, ano, título, revista e resultado.

Ano	Autor	Título	Revista	Resultado
2014	Fonseca; Parcianello	O enfermeiro na comissão de controle de infecção hospitalar na perspectiva ecossistêmica: relato de experiência	Revista de Enfermagem do Centro Oeste Mineiro	O estudo ressalva que as infecções hospitalares vêm crescendo, nos hospitais, e isto pode ser por causa da evolução tecnológica dos procedimentos diários, diagnósticos terapêuticos invasivos, ou falha no processamento de instrumentais, ou ineficazes medidas de precaução.

2015	Dutra, et al	Controle da Infecção Hospitalar: Função do Enfermeiro	Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online	O estudo demonstra a responsabilidade que o enfermeiro tem em relação à prevenção e controle das infecções hospitalares. Seu comprometimento e nas ações que desenvolve com a equipe ao qual ele gerencia se reflete consideravelmente no cuidado prestado ao paciente, e a sua avaliação de qualidade e assistência prestada
2016	Camargo et al	Conhecimento da Equipe de Enfermagem Perante os Principais Tipos de Infecções Hospitalares	Revista de Enfermagem online	A maioria dos profissionais de enfermagem compreende os riscos perante as infecções hospitalares; e consideram importante a redução dos níveis de infecções nos hospitais.
2017	Batista, et al	Conhecimento da equipe de enfermagem perante os principais tipos de infecções hospitalares	Revista de Enfermagem	Os enfermeiros têm elevado conhecimento sobre as infecções hospitalares, identificando os tipos mais frequentes e na sua atuação utilizam os equipamentos de sua atuação utilizam os equipamentos de proteção individual EPI corretamente.
2018	Silva et al	Monitoramento da adesão à higiene das mãos em uma unidade de terapia intensiva	Revista de Enfermagem	Os autores, concluíram o estudo dando ênfase que o método da higienização das mãos é eficaz para a prevenção da IH, assim é primordial que a equipe de enfermagem no seu cotidiano faça esses procedimentos constantemente.
				Com a finalidade de melhorar a

2019	Alvim e Couto	Hands clean – taxa automática para higienização das mãos: desenvolvimento de aplicativo para controladores de infecção	Enfermagem em Foco	assistência da equipe de enfermagem, foi desenvolvido um aplicativo, para fazer a coleta de dados das infecções e suas fontes. O aplicativo permitiu a análise das fontes de infecção, dando suporte para que evite atitudes que possam desenvolver a IH. Portanto o aplicativo pode trazer riscos de infecções ao utilizar o aparelho celular.
2021	Cabral, et al	Contaminação de aparelhos celulares da equipe de enfermagem em unidade de terapia intensiva de um hospital público do noroeste paranaense	Arquivos de Ciências da Saúde da UNIPAR	O estudo evidencia que houve o crescimento de microrganismos na aparelhagem dos colaboradores que atuam em Unidade de Terapia Intensiva – UTI. Portanto os profissionais realizam a higienização correta dos aparelhos.
2021	PINTO et al	Medidas de prevenção e controle de infecção associadas ao uso de cateter venoso periférico e central	Revisa	O estudo elucida que a falta de cuidados com os procedimentos de punção em ambiente hospitalar, é um fator de risco de infecção. Desta forma, com a prevenção adequada é possível promover a qualificação destes procedimentos, diminuindo assim, a HI.
2022	Cardoso, et al	Atuação do Enfermeiro na Prevenção e Controle da Infecção Hospitalar	Educação, saúde e sociedade: investigações, desafios e perspectivas futuras	O estudo enfatiza que é necessário que se pense em estratégias possíveis para contribuir nas mudanças do atual panorama das infecções. Para que isto se dê de fato, os enfermeiros devem ter meios para inibir a sua propagação,

				com diretrizes e ações contínuas para o controle adequado, vigilância constante. A higienização das mãos continua sendo uma atitude eficaz para a interrupção da transmissão de microrganismos aos indivíduos.
2023	VDB – SAÚDE –	Quais as principais causas de infecção hospitalar e como evitar a contaminação?	Artigo	O artigo aborda quais são as principais causas e tipos de infecção hospitalar e as práticas que devem ser adotadas para evitar as contaminações. É destacado a importância do planejamento estratégico, e o uso de ferramentas de gestão. Através destes cuidados, é possível acesso a indicadores que são essenciais para o monitoramento das taxas de infecção na unidade de saúde e para as tomadas de decisões ágeis e acertáveis.

Fonte: Elaboração Própria.

Após o aprofundamento da pesquisa, e a colaboração dos artigos para a temática, percebemos que a IH pode ocorrer e não há uma forma de saber de fato, quando e horário, ela ocorre. Fonseca, Parciannelo, (2014), enfatizam que existem várias formas de infecção, e esta proliferação de microrganismos transita diariamente nos corredores, e na comunicação entre os agentes de saúde. Porém o que deve levar em conta é que se não houver um controle, uso de EPI's, lavagem de mãos, sempre que realizar um procedimento, os microrganismos vão levar o ambiente hospitalar para um caos total.

Dutra et al (2015), colabora com a temática, salientando que a hospitalização, é muitas vezes inevitável, principalmente quando as medicações não trazem bons resultados, assim o indivíduo por recomendação médica, permanece um tempo internado na unidade de saúde, e este ambiente torna-se perigoso por causa da alta

exposição a patógenos, o que faz com ele esteja mais suscetível a adquirir uma infecção hospitalar. Desta forma é primordial que algumas medidas devam ser tomadas para que o ambiente se torne menos prejudicial.

Camargo et al (2015), salienta que a IH, não é simplesmente um fenômeno biológico e universal, porém é histórico e social. Seu controle e a prevenção parte da equipe de enfermagem, e isto se deu desde a época em que Florence Nightingale, evidenciou que a utilização dos princípios filosóficos e a valorização do meio ambiente, como a sua higiene, iluminação, temperatura, odor e ruídos, eram fatores preponderantes para o controle da IH.

Corroborando com a pesquisa, Camargo et al (2015), Batista et al, (2017), salienta que existem múltiplos tipos de IH, sendo necessário haver procedimentos de prevenção, no entanto, nota-se que os profissionais em maior parte não realizam a higienização de maneira eficaz. O autor cita ainda que, deve-se haver maior cuidado com a saúde do indivíduo, para possível redução de novas patologias. É de competência dos profissionais a elaboração de uma assistência adequada para a prevenção da IH.

Higienizar as mãos é uma medida primária, contudo é muito importante no controle das IRAS, sendo um dos pilares para o controle das infecções na área da saúde, principalmente no que se refere a transmissão cruzada de microrganismos multirresistentes. Silva et al (2018), argumenta que para não haver disseminação das IH no ambiente de saúde as mãos devem ser higienizadas constantemente, em detrimento do fluxo de atendimento. Os enfermeiros são os que mais fazem estes procedimentos, assim, é preciso educar toda a equipe para esta simples tarefa de lavar as mãos.

Alvim e Couto (2019), corroboram com a pesquisas, ao dizer que é oportuno dar continuidade educacional, com o intuito de reduzir as irregularidades. Dessa forma, a educação dentro dos profissionais permitirá que todos se corroborem para as novas metodologias de combater a IH. Podemos sublinhas, como por exemplo, a tecnologia é uma aliada na possível redução de número de casos. Sendo ela facilitadora, no auxílio e na prevenção das IH, futuramente. Atualmente existe o aplicativo Hands Clean, que é um aliado na prática de higienização das mãos, por meio de mecanismos que permitem a visualização correta do passo a passo, evidenciando suas etapas.

Cabral et al, (2021) comenta que o auxílio do enfermeiro na assistência da IH, é fundamental, sendo ele a pessoa que partilha das rotinas dos pacientes, e no exercício

de atuação de várias áreas da saúde, assim ele é capacitado para minimizar as causas das IH, empregando técnicas assépticas para a contaminação do ambiente, reduzindo assim, as possíveis infecções geradas por micro-organismos.

Os autores Pinto, Souza, Oliveira (2021), pontuam que as IH, de ocorrência do trato urinário, quando associadas aos procedimentos de sondagem vesical de demora, e ocasionadas na corrente sanguínea, os enfermeiros devem fazer uso de técnicas assépticas, e uso de campo estéril, sempre que for necessário. Como também curativo estéril, higiene íntima, sondagens vesicais, e cotidianamente deve observar a indigência do dispositivo.

Neste pressuposto, Cardoso et al (2022), diz que é necessário refletir sobre todas as estratégias possíveis que possam contribuir para mudanças do atual panorama que se apresentam os enfermeiros. Dentre estas estratégias podemos incluir os métodos educacionais, como conhecimento dos microrganismos e os meios que possam inibir a sua propagação, implantação de diretrizes contínuas, com a finalidade de prevenir, controlar, reduzir e eliminar riscos, a partir da vigilância cotidianas, trazer para a equipe de saúde a riqueza das lavagens das mãos, o quanto esta simples ação pode ser benéfica para disseminar as IH.

Cardoso et al, (2022), salienta ainda, que não basta investimentos em altas tecnologias em saúde, se não há um planejamento para sanar os percalços que acontecem na unidade de saúde, é primordial investir no potencial humano. Os investimentos garantiram uma assistência segura e qualificada, minimizando assim, a permanência de internação, e conseqüentemente o sofrimento dos pacientes e suas famílias. O artigo, VDB – SAÚDE (2023), destaca a importância de um planejamento estratégico, e o uso de ferramentas de gestão, sendo indicadores essenciais para o monitoramento das taxas de infecção, e importante pontuação para as tomadas de decisões.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A infecção hospitalar é histórica, e vem alcançando patamares preocupantes, muitas vezes por causa de manuseio de ferramentas, falta de higienização de artefatos usados nas salas de cirurgias, a não lavagem das mãos sempre que realiza um procedimento. Dentre destes fatores há o número crescente de pacientes

imunocomprometidos. E para que as IH, sejam de fato controlada, é preciso haver um trabalho em conjunto, para o efetivo controle.

O enfermeiro possui um grande elo, entre os pacientes, familiares e a equipe de saúde, sendo ele responsável por várias funções, além de tudo ele atua na comissão de controle de IH. Desta forma, é elementar que haja maiores investimentos para a preparação deste profissional para que ele busque resultados positivos na sua atuação diária.

Sendo ele qualificado para trabalhar no controle das IH, em todas as suas vertentes, ele deve realizar trabalhos coletivos para a prevenção das infecções. Através de ações básicas, que façam diferença quando realizadas de maneira correta, como o caso da lavagem das mãos e o uso de EPIs, técnicas assépticas, na hora da realização de procedimentos invasivos e os cuidados no preparo de esterilização de materiais. Confirmamos ainda, que a educação continuada, é uma forma para que haja a mudança comportamental, ofertando um cuidado mais qualificado, e o reconhecimento de um trabalho personalizado para a sociedade.

Diante destes pressupostos, podemos concluir que o enfermeiro é uma peça fundamental na unidade de saúde, e suas atividades são de grande relevância para a sociedade hospitalar, pacientes e familiares assistidos.

REFERÊNCIAS

ALVIN, A; COUTO, B. Hands clean – taxa automática para higienização das mãos: desenvolvimento de aplicativo para controladores de infecção. **Enfermagem em Foco**, Minas Gerais, v. 10, n. 3, p. 147-151, 2019. Disponível em: <<http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/2121/568>>. Acesso em: 18 de março de 2023.

BATISTA, J. et al. Conhecimento da equipe de enfermagem perante os principais tipos de infecções hospitalares. **Revista de Enfermagem**, Recife, v. 11, n. 12, p. 1-7, 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.5205/1981-8963-v11i12a22317p4946-4952-2017>>. Acesso em: 05 de março de 2023.

BORGES, G.L.; BARATIERI, T.; MONASTIER, C. A.; BENDO, J.; SILVA, M. S.; AGLIARINI, W. M. A.; **Infecção Hospitalar na Perspectiva dos Profissionais de Enfermagem**: Um Estudo Bibliográfico; Maringá - PR- Brasil; disponível em:<<https://www.redalyc.org/pdf/4836/483648962022.pdf>>. Acesso em: 16 de março de 2023.

CABRAL, G. et al. Contaminação de aparelhos celulares da equipe de enfermagem em unidade de terapia intensiva de um hospital público do noroeste paranaense. **Arquivos**

de Ciências da Saúde da UNIPAR, Umuarama, v. 25, n. 2, p. 111-116, 2021. Disponível em: <<https://rdu.unicesumar.edu.br/handle/123456789/3813>>. Acesso em: 04 de março de 2023.

CAMARGO M.D, MARTINATO L.H.M, SILVEIRA D.T. **Hospital Hygiene**: stages of development in intranet environment. *Jornal of health informatics* [Internet]. 2015 [cited 2016 Apr 01];7(4):121-6. Disponível em:<<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/viewFile/22317/25314>>. Acesso no dia 02 de março de 2023.

CARDOSO, E. R. RAMOS M. S da. SILVA R. M. da. RIVAS, T. S. Atuação do Enfermeiro na Prevenção e Controle da Infecção Hospitalar. **Educação, saúde e sociedade**: investigações, desafios e perspectivas futuras Editora Epitaya | ISBN: 978 – 65 – 87809 – 55 – 7 | Rio de Janeiro | 2022 | pag. Disponível em:<<https://portal.epitaya.com.br/index.php/ebooks/article/view/525> >. Acesso no dia 16 de março de 2023.

CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM – COFEN. Código de ética dos profissionais. *ConScientiae Saúde*, v. 3, p. 131-137. São Paulo: **UNINOVE**, 2004.

DANTAS, R. A. N. et al. Higienização das mãos como profilaxia das infecções hospitalares: uma Revisão. **Revista Científica Internacional**, v. 3, nº. 13, p. 85 - 103 maio/jun. 2010. Disponível em:<<http://ftp.interscienceplace.org/isp/index.php/isp/article/viewFile/131/130> >. Acesso no dia 17 de março de 2023.

DUTRA G.G, BOSENBECKER E.T, LIMA L.M.D, SIQUEIRA H.C.H, CEGANO D. Nosocomial infection control: role of the nurse. *Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online* [Internet]. 2015 [cited 2016 Oct 01];7(1):2159-68. <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/viewFile/22317/25314>>Acesso no dia 02 de março de 2023.

FONSECA G.G.P, PARCIANELLO M.K. The nurse in commission of hospital infection control in ecosystem perspective: experience report. *Revista de Enfermagem do Centro Oeste Mineiro* [Internet]. 2014 [cited 2016 Oct 01];4(2):1214-21. <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/viewFile/22317/25314>>Acesso no dia 02 de março de 2023.

FRAM, D. S; MEDEIROS, E. A. S. **Desafios enfrentados para uma assistência mais segura**, 2021. Disponível em:< <https://sp.unifesp.br/epm/noticias/infecoes-hospitalares-desafios-assistencia> >. Acesso no dia 17 de março de 2023.

FREITAS. J. N de. **Controle e Prevenção das Infecções Hospitalares**: Perspectiva de Atuação do Enfermeiro, 2011. Disponível em:<https://repositorio.faema.edu.br/bitstream/123456789/2065/5/Jonathan%20Nunes%20de%20Freitas_TCC.pdf>. Acesso no dia 17 de março de 2023.

Anna Karolyne Santos COSTA; Juliane Marcelino dos Santos SANTANA. O DESAFIO DO ENFERMEIRO EM FRENTE AO CONTROLE DE INFECÇÕES HOSPITALARES. *JNT Facit Business and Technology Journal*. QUALIS B1. 2023. FLUXO CONTÍNUO – MÊS DE AGOSTO. Ed. 44. VOL. 01. Págs. 31-48. ISSN: 2526-4281 <http://revistas.faculadefacit.edu.br>. E-mail: jnt@faculadefacit.edu.br.

GIAROLA, R. G. *et al.* **Infecção hospitalar na perspectiva dos profissionais de enfermagem: um estudo bibliográfico.** Cogitare Enferm. 2012 Jan/Mar; v. 17 n. 1, p. 151-157.

LASAPONARI, E. F; BRONZATTI, J. A. G. Sistematização da Assistência de Enfermagem Perioperatória (SAEP). In: MALAGUTTI, W; BONFIM, I.M.(Org) **Enfermagem em Centro Cirúrgico: atualidades e perspectivas no ambiente cirúrgico.** 3ª ed. São Paulo: Martinari, 2013. p. 69-81.

NERE CS et al, **A atuação da enfermagem no controle da infecção hospitalar,** 6, Revisão integrativa - FACEMA, Maranhão, 2017.

PINTO, K.; SOUZA, P.; OLIVEIRA, T. Medidas de prevenção e controle de infecção associadas ao uso de cateter venoso periférico e central. **REVISA**, Distrito Federal, v. 10, n. 4, p. 96-684, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.36239/revisa.v10.n4.p684a696>>. Acesso em: 04 de março. 2023.

PRESTES, M. L. M. de. **A pesquisa e a construção do conhecimento científico: do planejamento aos textos, da escola à academia.** 3 ed. 1. Reimp. – São Paulo: Rêspel, 2008. 260 p

REIS U.O.P, **Controle da infecção hospitalar no centro cirúrgico,** 8, Revista Baiana de Enfermagem, Revisão integrativa - Salvador, 2014.

SANTANA R.S, BRITO B.A.M, FERREIRA J.L.S et al. **Atribuição do enfermeiro na Comissão de Controle de Infecção Hospitalar,** 9, Revisão integrativa - Rev. Pre. Infec e Saúde, Piauí, 2015.

SANTOS, S. F. *et al.* **Ações de enfermagem na prevenção de infecções relacionadas ao cateter venoso central: uma revisão integrativa.** Rev. SOBECC, São Paulo. Out/dez. 2014.

SILVA, B et al. Monitoramento da adesão à higiene das mãos em uma unidade de terapia intensiva. **Revista de Enfermagem,** Rio de Janeiro, v. 26, ed. 33087, p. 1-6, 2018. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.12957/reuerj.2018.33087>>. Acesso em: 10 março de 2023.

TURRINI, R. N. T. et al. **Ensino de enfermagem em centro cirúrgico: transformações da disciplina Na Escola de Enfermagem da USP (Brasil).** Rev. esc. Enfermagem. USP, São Paulo, v. 46, n. 5, p. 1268-1273, Out 2012.

VDB – SAÚDE – **Quais as principais causas de infecção hospitalar e como evitar a contaminação?** 2023. Disponível em:< <https://blogsauade.volkdobrasil.com.br/principais-causas-de-infecção-hospitalar/>>. Acesso no dia 16 de março de 2023.